

A (DE)FORMAÇÃO E OS INTERESSES DOMINANTES NOS AVANÇOS ULTRALIBERAIS NA EDUCAÇÃO

João Pedro Ferreira da Silva¹
Francisco Evaldo Alves B. Filho²
Joeline Rodrigues de Sousa³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar a difusão de ideias ultraliberais na educação, com ênfase nas reformas como o Novo Ensino Médio, por meio da problematização da disciplina de Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais – NTPPS, ofertada na rede estadual do Ceará. Procuramos problematizar como essa disciplina que a priori tem uma proposta de pensar "competências socioemocionais e cognitivas por meio de temáticas transversais", na verdade tem como objetivo a (de)formação dos sujeitos para que se adequem e se conformem para as novas condições precárias de trabalho impostas pelo ultraliberalismo. Para tanto, nos apoiamos em autores fundados na perspectiva crítica da filosofia da práxis, como: Marx (2017), Gramsci (2010), Saviani (2011), entre outros.

Palavras chaves: Educação; Ultraliberalismo; Novo Ensino Médio; Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais – NTPPS

ABSTRACT: This paper aims to analyze the spread of neoliberal ideas in education, with emphasis on reforms such as the New High School, through the problematization of the subject of Core of Work, Research and Social Practices - NTPPS, offered in the state network of Ceará. We seek to problematize how this subject, which has a proposal to think "socioemotional and cognitive skills through cross-cutting themes", actually aims at the (de)formation of subjects to adapt and conform to the new precarious working conditions imposed by ultraliberalism. Therefore, we rely on authors based on the critical perspective of the philosophy of praxis, such as: Marx (2017), Gramsci (2010), Saviani (2011), among others.

Keywords: Education; Ultraliberalism; New High School; Center for Work, Research and Social Practices – NTPPS

1 - INTRODUÇÃO

Em 1983, Dermeval Saviani, professor, filósofo e pedagogo brasileiro, escreveu uma gigante reflexão que resultou no livro *Escola e Democracia*. Na obra, Saviani nos apresenta

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Membro organizador do GGramsci (Grupo de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci) e do PRÁXIS (Núcleo de Pesquisas e Extensão em Práxis e Formação Humana).

² Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Participante do GGramsci (Grupo de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci) e do PRÁXIS (Núcleo de Pesquisas e Extensão em Práxis e Formação Humana).

³ Professora do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Coordenadora do GGramsci – Grupo de Estudos e Pesquisas em Antonio Gramsci e do PRÁXIS – Núcleo de Pesquisa e Extensão em Práxis e Formação Humana. E-mail: joelinersousa@gmail.com

um pouco sobre as contradições existentes na Escola Nova⁴ e de que formas essa “nova” tendência dentro da educação buscava ao máximo se distanciar da “Escola Tradicional”. Dentro da perspectiva da Pedagogia Nova é defendido, entre outros elementos, a centralidade e a participação do aluno no “empreendimento” do seu próprio conhecimento. Ao professor e à escola caberia apenas a mediação e a orientação dessa formação. Esta concepção do papel do educador na escola se agudizou ainda mais com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC’s), tendo em vista que com elas o estudante não “precisaria” mais do professor para lhe passar/compartilhar o conhecimento, pois todas as informações e conteúdos⁵ poderiam ser encontrados de forma fácil na internet.

Na contramão desse espectro, Saviani apresenta uma tese bastante reveladora e inovadora para compreendermos as novas contradições a que a educação está sendo posta ao ser submetida à premissa ideológica e contraditória do capital. Para o pedagogo, com a Pedagogia Nova, foi o momento em que *mais* se falou em democracia na escola que a educação foi “menos” democrática (SAVIANI, 1995). Em um primeiro momento isso pode parecer paradoxal, mas quando analisamos a realidade concreta da educação brasileira nos últimos anos podemos captar que não só esse movimento é completamente sustentável como tem se aprofundado ainda mais com as reformas apocalípticas - Ensino Médio, Trabalhista e Previdência - ultraliberais encaminhadas no governo de Michel Temer.

Com esse pacote de medidas encaminhadas no Brasil, é possível perceber que existe um projeto estruturado e pensado para destruir os avanços políticos, mesmo que com limitações, dos governos Lula e Dilma (SINGER, 2012). Se durante o desenvolvimento do capitalismo nos séculos XVIII - XIX houve um esforço para “democratizar” a educação, a partir dos interesses da burguesia, nos últimos anos o que se tem visto é o amplo e profundo processo de negação do conhecimento produzido historicamente para as classes subalternizadas (SAVIANI, 1995).

Mas não é apenas de destruição que se mantém e se retroalimenta o ultraliberalismo. Há também um esforço constante de construção de novas subjetividades entre a classe trabalhadora. Com a Reforma do Ensino Médio, entre outros projetos, é possível apreender

⁴ Iniciado pelo filósofo e pedagogo John Dewey (1859-1952), a Escola Nova defende que a educação é um elemento eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade como cidadão. Esse movimento ganhou força no Brasil a partir da década de 1930 com o governo de Getúlio Vargas e retornou no início da década de 90 com a *pedagogia do Aprender a Aprender*, ou seja, a capacidade de aprender a buscar o conhecimento e as informações sozinho (SAVIANI, 2011).

⁵ Não é nossa intenção aqui reduzir o conhecimento a simples noção de “informação ou conteúdo”, mas apontar que dentro da lógica educacional neoliberal essas duas dimensões se equivalem, pois dessa forma o processo de mercantilização se torna mais fácil.

um deslocamento das matérias formativas do currículo - Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, etc. - para um âmbito de esvaziamento teórico e prático quando se insere disciplinas que contribuem para uma concepção individualista e competitiva sobre a construção do próprio futuro do estudante, o que impele fazer as escolhas certas para não fracassar em seu “projeto de vida” na lógica do sucesso vendida pelo mercado capitalista. Dessa forma, qualquer falha ou inoportunidade que esse estudante possa ter em seu futuro não é responsabilidade do sistema ou da sua formação precarizada, mas da sua falta de planejamento individual.

Para exemplificar como essas ideologias são postas em práticas escolhemos analisar a disciplina de *Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais – NTPPS*, ofertada nas escolas estaduais do Ceará, a referência de sistema educacional para o Brasil que garantiu à Camilo Santana a vaga de Ministro da Educação do novo governo Lula. Apesar da disciplina ter contribuições importantes para a instrução desses jovens - como a produção e incentivo ao pensamento científico ou o autoconhecimento psicossocial -, é importante se perguntar de que forma, tanto teórica quanto prática, ocorre esse ensinamento no “chão da escola” e os desdobramentos práticos na vida individual e na vida coletiva.

Dessa forma, procuramos analisar, a partir do viés marxista, como a atual conjuntura do capitalismo no Brasil, de orientação neoliberal, tem interesse na (de)formação da classe trabalhadora de modo que esta se adeque subjetivamente aos interesses do grande capital que vem se reestruturando para superar uma de suas iminentes crises sistêmicas (MÉSZÁROS, 2011). Retornando a Gramsci, podemos compreender esse movimento complexo do ultraliberalismo na educação como forma de garantir a hegemonia dominante por meio das disputas de consciências e, dessa forma, buscar adequar a futura força de trabalho ao nível de superexploração ultraliberal. De acordo com o historiador João Elder Borges Miranda,

A noção de ultraliberalismo seria uma espécie de subcategoria, reivindicada em uma análise que busca a reflexão da totalidade das transformações capitalistas. O método da totalidade busca abarcar as transformações e características do que se dá no âmbito da estrutura e da superestrutura. [...] O chamado ultraliberalismo se trata de transformações qualitativas em relação ao liberalismo, entretanto, não no sentido de constituição de uma nova razão do mundo, mas sim para perpetuar a velha ordem e razão burguesa, solidificando-a em patamares ainda mais regressivos de expropriação e exploração da classe trabalhadora (MIRANDA, 2020).

Logo, a escolha desse conceito se deu por não reconhecermos no prefixo “neo” a robustez suficiente para aferir as atuais contradições do capitalismo. Não existe nada de novo no processo, apenas a intensificação das bases liberais na sua gênese, que não haviam se aprofundado com toda a veracidade que vemos na barbárie em curso no nosso tempo.

2 – O ULTRALIBERALISMO NA EDUCAÇÃO

Em “Miséria da Filosofia” Marx, ao trazer suas críticas ao pensamento de Proudhon, coloca em análise uma das contradições permanentes da sociedade burguesa “quanto mais se evidencia esse caráter antagônico, mais os economistas, os representantes científicos da produção burguesa, embaralham-se em sua própria teoria e formam diferentes escolas” (MARX, 2017, p. 111). Dessa forma, assim como o sistema de crises econômicas fazem parte do metabolismo do capitalismo, as tentativas de seus intelectuais para resolver suas contradições se tornam cada vez mais insuficientes e insustentáveis. Apesar de Marx não estar presente para ver o processo de estruturação do ultraliberalismo, o filósofo alemão, ao analisar as condições concretas do seu tempo, já percebia que a burguesia tinha uma tendência a se reestruturar em suas próprias teorias e escolas para não fracassar na manutenção da exploração, ainda que estas sejam débeis diante das contradições.

Começamos por colocar essa observação para evidenciar que o ultraliberalismo surge como uma forma ideológica de vários intelectuais liberais⁶ que, ao perceber as novas condições crises socioeconômicas que o capitalismo se encontrava já em meados dos anos 1970, procuraram desesperadamente resolver o problema da crise sob a argumentação de que o estado de bem-estar social seria, de certa forma, um catalisador para a diminuição das taxas de lucro do grande capital (MÉSZÁROS, 2011; ANTUNES 2009; ANDERSON, 1995). Dessa forma, é importante entendermos o ultraliberalismo como uma expressão das condições históricas postas pelo atual estágio do capitalismo, no qual há toda uma reestruturação das condições de produção da vida material bem como da própria dimensão da superestrutura - analisado no presente trabalho no espectro educacional. Ao mesmo tempo, como bem observado por Mézáros, a crise pela qual passamos hoje é bem mais complexa, sendo um equívoco analisar o presente apenas como mais uma das outras crises estruturais do capital (MÉSZÁROS, 2011).

Nesta lógica de reestruturação, os direitos sociais, por exemplo, passam a ser compreendidos como mercadorias ou produtos que, no caso do Estado, se configura como um gasto a mais para o orçamento. O papel do Estado é realocado, deixando se ser um defensor de direitos e políticas sociais para se fortalecer como instrumento de repressão contra a classe

⁶ “Na seleta assistência encontravam-se Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Limpan, Michael Polanyi, Salvador de Madariaga, entre outros. Ai se fundou a Sociedade de Mont Pèlerin, uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada, com reuniões internacionais a cada dois anos. Seu propósito era combater o keynesianismo e o solidarismo reinantes e preparar as bases de um outro tipo de capitalismo, duro e livre de regras para o futuro. (ANDERSON, 1995, p. 10).

trabalhadora e garantidor de políticas de privatização e manutenção dos lucros do capitalismo financeiro para as grandes elites. O lucro não mais acontece pela aplicação de capital no desenvolvimento industrial, como nas etapas anteriores do capitalismo, mas por meio do investimento na financeirização e em títulos da dívida pública (PARANÁ, 2022). Isso acaba por desencadear um desaquecimento da produção gerando uma incerteza dos trabalhadores sobre os seus empregos. Para estes é relegado o discurso de que, a única forma de melhoramento das suas condições financeiras e ascensão social é o investimento individual em sua formação - com a necessidade cada vez mais intensa de capital humano pelo capital -, ou mesmo no investimento autônomo do seu próprio negócio - empreendedorismo.

A partir desse momento se torna necessário ao ultraliberalismo a disputa não apenas por reformas econômicas, mas a reorganização política dos espaços de formação das consciências, a batalha das ideias como afirma Gramsci, pelas quais uma outra direção deve ser dada. Para Gramsci (2011), a hegemonia é construída por um par dialético, entre força e consenso, domínio e direção. Antes de impor todas essas mudanças estruturais na política econômica do capital, por meio da força, é necessário garantir que haja consenso na sociedade civil, entre os próprios trabalhadores, com a absorção e incorporação da ideologia do ultraliberalismo, em suas formações individuais e como sujeitos. Estes não devem mais se ver como explorados ou sujeitos conquistadores de direitos, mas colaboradores e participantes diretos dos lucros da empresa. É nesse momento que a educação se consolida como fator primordial de disputa para a instauração e reprodução do capital, agora em bases ultraliberais.

Como aponta Leher (1999), com a crise de 1982⁷ houve a necessidade dos países latino-americanos obterem um aval do Fundo Monetário Internacional (FMI) bem como do próprio Banco mundial. No entanto, esta concessão só aconteceria na medida em que determinados países aceitassem as "reformas de ajuste estrutural" que abriram estes países às políticas neoliberais, em especial no que se refere à educação. Com isso, fica evidente a adesão, como no caso do Brasil, destas diretrizes educacionais que foram influenciadas diretamente por esta lógica, posta pela Conferência de Todos pela Educação e pela própria UNESCO. Nota-se a influência destas diretrizes nas políticas educacionais brasileiras uma vez que a partir das orientações e relatórios destes órgãos internacionais, tentou-se a aproximação cada vez maior entre ensino médio e o setor produtivo. Deste modo, há a

⁷ Crise da dívida externa que atingiu quase toda a América Latina (LEHER, 1999).

tentativa de conciliar diretamente a educação com os interesses do mercado de trabalho (SILVA E ABREU, 2008).

A própria prática educacional passa a ser resumida a uma dinâmica de empresa no qual o aluno é o cliente. Para a escola, levando em consideração o modelo neoliberal vigente, propõem-se um modelo no qual a formação omnilateral⁸ e até mesmo cidadã é deixada de lado e a instrução ao desenvolvimento de competências e habilidades assume a cena tornando-se o principal objetivo formativo. Nesse sentido que Edgar Morin⁹, ao pensar as novas dinâmicas do capital, só reafirma a impossibilidade da sociedade de superar a exploração na lógica do capital que agora se configura como a sociedade das incertezas,

As civilizações tradicionais viviam na certeza de um tempo cíclico cujo funcionamento devia ser assegurado por sacrifícios às vezes humanos. A civilização moderna viveu com a certeza do progresso histórico. A tomada de consciência da incerteza histórica acontece hoje com a destruição do mito do progresso. O progresso é certamente possível, mas é incerto (MORIN, 2000, p. 80).

Cabe destacar que para o filósofo, a educação deve formar pura e simplesmente sujeitos com competências necessárias para lidar com a imprevisibilidade e incertezas do futuro, pois o próprio processo de revolução não é uma possibilidade no horizonte histórico.

Por isso, pode-se e deve-se lutar contra as incertezas da ação; pode-se mesmo superá-las em curto ou em médio prazo, mas ninguém pretende **tê-las eliminado em longo prazo. A estratégia, assim como o conhecimento, continua sendo a navegação em um oceano de incertezas**, entre arquipélagos de certezas. [...] O pensamento deve, então, armar-se e aguerrir-se para enfrentar a incerteza. (MORIN, 2000, p. 91, grifos nossos).

Se durante seu desenvolvimento o capitalismo, como citamos na introdução, havia um compromisso com a socialização do conhecimento, ainda que para a conformação dos próprios intelectuais orgânicos e o mínimo necessário para a execução dos trabalhos e consolidação do capital, as políticas ultraliberares estão cada vez mais focadas na destruição desse processo educativo que poderia fomentar uma consciência crítica da realidade com a apropriação de categorias fundamentais como o historicismo, o humanismo e a razão dialética, que foram fundamentais para pavimentar o caminho da Revolução burguesa, como afirma Coutinho (2010). Dessa forma que se estruturam para garantir que o conhecimento e a sua produção se concentre nas mãos de um grupo cada vez mais exclusivo que mantém privado os meios de produção e difusão do conhecimento e da informação. Nesse espectro

⁸ Em Gramsci, a formação omnilateral refere-se a uma educação na qual seja possível a formação do sujeito em todas as suas potencialidades, conformada com a dimensão da práxis, articulando teoria e prática de forma dialética (SOUSA, 2014).

⁹ Filósofo francês que escreveu uma obra intitulada "Os setes saberes necessários à educação do futuro" (2000).

que só é possível falar em democratização da educação, se compreendermos que de fato significa a socialização do conhecimento historicamente produzido.

Pois, uma vez influenciada diretamente pela lógica destrutiva do capital, na qual a educação é, antes de tudo, um meio de controle social, fica evidente o real motivo do desmonte na educação e do esvaziamento dos currículos, como bem propõe o Novo Ensino Médio (NEM) no Brasil, uma vez que propõe o esvaziamento de disciplinas fundamentais para o desenvolvimento do senso crítico¹⁰ e da leitura do mundo (FREIRE, 1988). Seguindo essa lógica ultraliberal, a educação passa a ter como finalidade o desenvolvimento de habilidades e competências que, ressalta o interesse de uma preparação para a precarização do trabalho e afasta cada vez mais o ensino de seu caráter propedêutico e formativo. Sua finalidade maior é a preparação para “garantir ao adolescente e ao jovem conhecimentos e competências para a vida e para o trabalho” como evidencia a proposta de criação da componente NTPPS (INSTITUTO ALIANÇA, 2023)

3 - O TRABALHO, A PEDAGOGIA ULTRALIBERAL E A DISCIPLINA DE NTPPS

Antes de pensarmos o que é propriamente a disciplina de Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais (NTPPS), faz-se necessário refletir quais são as novas formas de ser do trabalho no neo-ultraliberalismo. Não diferente do que já foi mencionado acerca dos direitos sociais e da educação, as formas de trabalho também passam por uma reestruturação acompanhada de uma total precarização. De acordo com Antunes (2001), trata-se do momento mais crítico de toda crise neoliberal vigente. Pois, há uma destruição da força humana de trabalho e a relação entre produção e a natureza se torna ainda mais predatória, evidenciando cada vez mais a maneira como a sociedade se forja seguindo a lógica da “sociedade descartável”¹¹.

Nesta lógica de incertezas, não há mais a garantia de bem-estar social, direitos sociais e trabalho. Entretanto, este último, por mais que seja precarizado em alto nível e até mesmo se torne escasso, visto os avanços tecnológicos e os pacotes de austeridade para incrementar as taxas de lucro, jamais acabará, pois “o capital é incapaz de realizar sua autovalorização sem utilizar-se do trabalho humano. Pode diminuir o trabalho vivo, mas não eliminá-lo. Pode

¹⁰ É possível perceber isso de forma bastante evidente ao observar algumas das disciplinas eletivas que são oferecidas em escolas: “O que rola por aí”, “RPG”, “Brigadeiro caseiro”, “Mundo Pets SA” e “Arte de morar” e “Bora de Uber?” A que interessa a redução das aulas de conteúdos como Geografia, História, Sociologia, Química, Física e a substituição destas por pseudo-disciplinas?

¹¹ A força de trabalho humana, além de sua precarização, passa agora também a ser como um produto que, à medida que foi utilizado, será descartado e breve substituído.

precarizá-lo e desempregar parcelas imensas, mas não pode extingui-lo" (ANTUNES, 2001, p. 38). Posto isso, fica evidente que ao passo que a crise vai se desdobrando, e as condições de trabalho se tornam cada vez mais desastrosas, esta, pelo seu papel fundamental, jamais se extinguirá. Fato este que deixa explícito como as condições atuais de trabalho se forjam seguindo esta lógica não apenas das incertezas, mas destrutiva do capital.

Nesse cenário se insere a disciplina de Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais – NTPPS, ofertada nas escolas estaduais do Ceará. Uma proposta do governo estadual para complementar a formação dos estudantes, principalmente ao considerar a nova carga horária e os itinerários do Novo Ensino Médio. A criação da disciplina NTPPS, da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC) em parceria com o Instituto Aliança¹², tem como objetivo principal “promover uma articulação das políticas públicas de educação do Ceará com uma reorganização curricular do ensino médio com a finalidade de desenvolver no jovem e no adolescente competências e saberes para a vida e o trabalho” (INSTITUTO ALIANÇA, 2023). Esta componente começa a ser pensada a partir de 2010, seguindo os caminhos e decisões da SEDUC¹³, juntamente com as coordenadorias regionais para a criação do Plano de Gestão de 2010-2014 (RIBEIRO et al., 2019). É importante ressaltar esse ponto, pois mostra que as políticas de implementação neoliberais nas escolas do Ceará já estavam sendo encaminhadas independentemente da Reforma do Ensino Médio. O material didático exclusivo da disciplina é, em resumo, uma forma de introduzir a formação de uma nova subjetividade ultraliberal.

Dentre as diversas necessidades no que se refere a educação a serem contempladas neste novo plano de gestão, uma reorganização do currículo do ensino médio foi algo notado com maior importância para os órgãos educacionais. Pois, além de adequar o currículo às novas necessidades, era importante articular este novo currículo com as realidades dos jovens da escola pública, com a finalidade de fazer estes jovens protagonistas do seu processo de formação, promovendo uma nova relação de ensino e aprendizagem no qual há uma maior preocupação com a formação para além da preparação para vestibulares ou mercado de trabalho, mas visando também uma preparação para a vida. Nesse sentido, a disciplina tem

¹² As informações sobre o Instituto Aliança são bastante escassas. No momento de produção deste trabalho o [link do site](#) que apresentava a instituição não estava funcionando. Entretanto, é possível [encontrar os parceiros e financiadores do projeto](#) que conta com subsídios públicos - governo do Ceará e União - e investimentos privados (Fundação Vale, Instituto Votorantim, Walmart Instituto, Renner, Vivo e etc). O site também apresenta os demonstrativos financeiros e os investimentos feitos no Instituto que chegam na casa dos milhões. Atualmente o Instituto conta com uma plataforma de Ensino a Distância própria.

¹³ Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

como foco competências socioemocionais, o aprendizado com o desenvolvimento de pesquisas¹⁴ e o protagonismo estudantil.

Vale lembrar que esta reorganização ganha força com as novas Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, juntamente com os Protótipos Curriculares para o Ensino Médio produzidos pelo órgão representante da UNESCO aqui no Brasil, ambos os documentos lançados e divulgados no ano de 2011 como aponta RIBEIRO et al., (2019). Levando em consideração a relevância destes documentos para o quadro educacional brasileiro, ocorreu a conciliação destes dois documentos para a criação da componente NTPPS. Com isso, explica-se o fato dos protótipos curriculares da UNESCO estarem sendo contemplados neste componente. Em algumas escolas do Ceará a disciplina de NTPPS conta com uma carga horária superior a outras disciplinas do currículo, como as disciplinas de História, Filosofia e Sociologia, bem como, as disciplinas da área de naturezas. O material de NTPPS contempla todo o ensino médio. Para o 1º ano o foco é a relação entre “Escola e a Família” - de certa forma pensando na transição do ensino fundamental para o médio -, o 2º ano é voltado para a “Comunidade”, o contato da escola com o seu meio. Para fazer um recorte mais adequado, considerando a vastidão do material para todo o ensino médio, nos detivemos apenas no conteúdo da disciplina direcionada para o 3º ano do Ensino Médio cujo tema principal é “O Mundo do Trabalho”. A escolha dessa etapa se deu, em especial, por ser a última etapa do ensino médio, o momento no qual os estudantes estão seguindo para o mercado de trabalho.

4 - A (DE)FORMAÇÃO DO NOVO ENSINO MÉDIO PARA A CLASSE TRABALHADORA

Nossa análise vai se dedicar ao material direcionado para os professores com todas as orientações de como as aulas da disciplina de NTPPS devem ocorrer para as turmas de 3º ano¹⁵. Aqui, é de extrema importância reafirmar que a leitura crítica do conteúdo se dá de forma dialética, pois reconhecemos que algumas discussões em si são interessantes e importantes para a formação subjetiva da classe trabalhadora. Entretanto, o problema se encontra na forma e no direcionamento que se faz considerando a sociedade capitalista em seus moldes ultraliberais como apresentado nos tópicos anteriores. Também escolhemos fazer

¹⁴ Em um determinado momento do ano, geralmente ao final do ano, o professor deve trabalhar o desenvolvimento de pesquisas com os estudantes para que eles conheçam os mecanismos para o desenvolvimento do conhecimento científico.

¹⁵ [Link do material para análise e visualização](#). Aqui é possível encontrar e acompanhar todos os planos de aulas prontos que os professores devem seguir durante o ano. O material acompanha todos os materiais de áudios, vídeos entre outros anexos que devem ser trabalhados em aula. Infelizmente não conseguimos acessos a esses complementos. Ao pesquisar a ficha técnica do material, poucos chegam a ser de fato educadores.

alguns recortes considerando o extenso material para análise trazendo aqui apenas alguns dos vários pontos que consideramos importantes para serem destacados.

Inicialmente, é importante ressaltar a falta de uma pré-formação dos educadores para a disciplina. Na prática, qualquer professor, independente da área, pode ser alocado para ministrar o Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais – NTPPS. Recorrentemente os professores formados na área das Ciências Humanas são os que mais são direcionados por dois motivos: 1) a suposta equivalência de área que pressupõe que um professor desta área vai estar melhor capacitado para saber lidar melhor com as discussões propostas pelo NTPPS; 2) O fato desses educadores estarem perdendo suas cargas horárias em suas disciplinas - História, Filosofia e Sociologia - por conta do NEM. Posto isso fica patente que esses professores são quase que obrigados a assumir NTPPS. Entretanto, não há qualquer tipo de orientação para isso. O professor deve ser autodidata, assumindo para si o trabalho de pesquisa e formação, o que lhe demanda mais tempo de trabalho, em geral não remunerado. Isso por si só já revela que não existe um cuidado com a qualidade dessa formação, apenas com a repetição mecânica, das ideias vistas como positivas para a “eficiência do trabalhador”.

Analisando a forma, verificamos que o material é dividido em quatro bimestres, cada um dando um enfoque específico em alguma questão do “mundo do trabalho”. No primeiro bimestre temos como foco as habilidades socioemocionais e o trabalho em grupo/equipe. Apesar disso, o tema das competências retorna ao longo de todo o ano. A primeira aula sobre as competências socioemocionais tem como objetivo trabalhar os seguintes temas: Abertura a novas experiências; Amabilidade; Resiliência Emocional; Engajamento com os outros; Autogestão. A orientação é que os alunos se identifiquem com alguma dessas competências. Logo depois é passado um pequeno questionário no qual os estudantes devem responder o que eles já possuem entre essas competências e o que eles devem melhorar/conquistar¹⁶. O material conceitua a amabilidade com a característica de desenvolver autoconfiança e capacidade de enfrentar “melhor situações de frustração ou estresse”. Resiliência emocional se refere a habilidade de ser “tolerante, solidário, não teimoso e não egoísta”. Autogestão nada mais é do que um indivíduo “eficiente, autônomo e disciplinado”. O objetivo último, de acordo com o material, é justamente a construção de uma suposta “autoeficiência”.

É curioso perceber que a construção e o reconhecimento dessas habilidades se resume à conquista por uma “eficiência no trabalho”. Não é necessariamente, apesar de passar

¹⁶ Esses questionários ou “testes” estão bastante presentes no material como um todo. O objetivo é encaixar os estudantes em categorias, tentativas de posicioná-los em “níveis” de apropriação dos critérios citados acima. Esse tipo de atividade acontece pelo menos uma vez em cada bimestre, quase como uma forma de gerar “dados” sobre as respostas e perceber se de fato há uma progressão/apropriação dessas ideias pelos estudantes.

isso, uma prioridade a formação qualitativa e crítica do sujeito, mas a transformação na qualidade do trabalhador como mercadoria para as novas dinâmicas do mercado. Quanto melhor suas habilidades e atribuições melhor você vai disputar o “mercado de trabalho”. Dessa forma, se o sujeito se encontra em condições extremas de exploração e estresse, o problema não são as circunstâncias objetivas produzidas pelo capitalismo, mas a falta de preparo do trabalhador que não sabe lidar emocionalmente com isso. É necessário aprender a ser tolerante, não reclamar ou reivindicar, mas ser um bom colaborador e parceiro da empresa, alguém de constante espírito inovador.

Ainda no primeiro bimestre existe um capítulo intitulado “Afinal, o que significa trabalho?”. Contudo, o material não apresenta de forma prévia e nem objetiva o que se entende aqui por “trabalho” ficando a cargo do professor o desenvolvimento do tema. Na aula seguinte o educador é orientado a exibir o filme “Zootopia”¹⁷. Na sequência é apresentado um roteiro para o professor orientar o debate sobre o longa. De acordo com o material, o direcionamento deve ser pautado com a diretriz de compreender que o trabalhador sempre deve se valorizar independente do reconhecimento de seus superiores. Além disso, o trabalhador não deve se vitimizar pelos seus infortúnios ou insucessos, mas persistir e dar a volta por cima! Novamente, temos uma redução da discussão e complexidade social ao nível puramente subjetivo e individual.

Com relação ao segundo semestre temos a defesa da pedagogia do Aprender a Aprender cujo princípio é "seguir aprendendo". De acordo com Saviani (2011), a Pedagogia do Aprender a Aprender nada mais foi do que uma releitura de tendências da Escola Nova - neoescolanovismo - que tem como objetivo não o ensino e a transmissão do conhecimento, mas o foco em ensinar os estudantes apenas a aprender:

O importante é aprender a aprender, isto é, aprender a estudar, a buscar conhecimentos, a lidar com situações novas. E o papel do professor deixa de ser o daquele que ensina para ser o de auxiliar o aluno em seu próprio processo de aprendizagem. [...] Diferentemente, na situação atual, o "aprender a aprender" liga-se à necessidade de constante atualização exigida pela necessidade de ampliar a esfera da empregabilidade (SAVIANI, 2011, p. 431 - 432).

Em suma, isso quer dizer que a prioridade na educação não deve ser a transmissão do conhecimento historicamente produzido em si, mas a habilidade de constantemente se adequar às necessidades do mercado tendo flexibilidade suficiente para aprender o que for a

¹⁷ Filme da Disney lançado em 2016 que conta a história de uma cidade de animais. Lá uma raposa falante se torna uma fugitiva ao ser acusada de um crime que não cometeu. O principal policial do local, o incontestável coelho, sai em sua busca. É importante relatar também que a partir desse momento o material vai trazer vários textos de “coaching de trabalho”.

qualquer momento. Esse movimento só aprofunda ainda mais a contradição do estranhamento com o trabalho já que a adaptação sempre constante para novas atividades impossibilita uma relação profunda com a atividade em si e com o grupo do qual se faz parte. Ser flexível na lógica ultraliberal impele não se sentir nunca pertencente a uma coletividade.

Se a lógica passa a ser sempre aprender e se adequar ao que o mercado precisa, o próximo passo é desenvolver a habilidade de se vender. Não é surpresa nenhuma que o material dedique aulas específicas para instruir o estudante em seu Marketing Pessoal. Aqui é possível identificar dicas que vão desde a forma como o estudante deve se portar nas redes sociais - Netiqueta -, construção do currículo e postura durante uma entrevista de emprego - sendo dois encontros dedicados a simulações de entrevistas¹⁸.

E para além disso, caso essa possibilidade não se concretize, é ofertado aos estudantes pensar na possibilidade de empreender. E um dos principais critérios que se deve ter para tal exercício é a “paixão” por aquilo que você faz, elemento extremamente subjetivo. Para reforçar isso, o material apresenta um pequeno texto com relatos - apesar dos relatores não aparecem diretamente - de pessoas que empreenderam e se orgulham de seus objetivos. Nesse sentido, o empreendedorismo ocorreria de duas formas: 1) a nível de empreender seu próprio negócio; 2) ser empreendedor na empresa - que é a adequação a todas as habilidades citadas no início. E caso o trabalhador queira reivindicar melhores salários, nesse espectro estará deslegitimando, na proporção inversa, o “grande valor” da sua paixão.

Depois dessa breve digressão, a principal reflexão a se fazer é referente justamente aos interesses do capital na formação dessas “competências”. O principal problema da educação neoliberal se encontra em duas contradições fundamentais: 1) Há um “sequestro” de habilidades que são colocadas apenas no nível de formação do trabalhador como mercadoria; 2) Há uma negação do conhecimento historicamente produzido para as classes subalternizadas, já que a lógica passa a ser uma intensificação de um programa de “investimento”, muitas vezes do próprio trabalhador em si mesmo.

Dessa maneira, uma vez que a educação se volta exclusivamente para o trabalho, a formação dos estudantes no sentido omnilateral, que busca o desenvolvimento pleno de todas as potencialidades humanas, é substituída por uma formação unilateral que visa apenas o desenvolvimento das habilidades humanas necessárias para o trabalho mecânico e automático. Assim sendo, com uma parte de suas potencialidades humanas desenvolvidas, o

¹⁸ O material didático possui um anexo para as simulações das entrevistas de emprego. Acontece que as vagas para as quais os estudantes devem se candidatar são: Auxiliar administrativo, vendedor de loja, estoquista, operador de caixa e operador de telemarketing. É de se surpreender - ou não - com o pouco esforço do material em esconder seus objetivos.

ser humano “estagna sua inteligência ao mínimo necessário para reprodução do capital [...]” (SOUSA, 2014, p.130). Esta reprodução, contribuirá para a perpetuação das condições de dominação no trabalho atual, o que dificulta ainda mais o desenvolvimento omnilateral do ser humano posto que, como aponta Sousa, (2014, pág.134) para a formação omnilateral “exige-se o fim da alienação do homem pelo homem quanto do homem em relação aos fetiches criados pelo modo de produção hodierno [...]”. Ademais, é importante mencionar que a caminhada em direção à formação omnilateral não se dá apenas por meio da superação da dominação do ser humano por ele mesmo, ou de uma educação que se aproxime de uma perspectiva omnilateral, que possa conciliar assim o trabalho como princípio educativo, para o desenvolvimento de todas as suas potencialidades humanas. Mas, ainda de acordo com Sousa (2014, p.136), “[...]faz-se necessária uma refundação social mediante um processo revolucionário de caráter radical e classista, inspirando dialeticamente um novo projeto de ensino, um novo tipo de escola[...]”. Portanto, faz-se necessário novas estruturas que possibilitem toda uma reorganização das condições de produção da vida material, para que um novo projeto educativo se desenvolva junto com uma nova práxis, um novo modo de vida social.

Pois como afirma Gramsci, a classe dominante busca centralizar o conhecimento e reproduzir a propriedade privada deste, ao investir na formação dos seus próprios intelectuais orgânicos e impedir que as classes subalternizadas operem o mesmo movimento. Desse modo que autor sardo afirma que

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da sua própria função. (GRAMSCI, 2010, p.15)

Nesse sentido que a classe dominante assimila os intelectuais tradicionais e monopoliza a produção do conhecimento e a ideologia, e, portanto, buscar direcionar a escola e as diretrizes do processo educativo sob a lógica do capital, pois a escola tem função preponderante na formação do senso comum, obtenção do consenso e consolidação da hegemonia. Como afirma o autor sardo, “A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização [...]” (GRAMSCI, 2010, p.19).

Porém, este processo que ocorre na escola não se configura como um fato dado, absoluto e acabado, mas como um movimento de luta, de correlação de forças em movimento, pois apesar de “nem todos os homens terem na sociedade a função de intelectuais, todos os homens são intelectuais” (GRAMSCI, 2010, p.18), e isto significa que há margem de possibilidade de operar numa outra lógica na contramão dominante de formação de intelectuais orgânicos de outro tipo, desde as margens, a partir da necessidade e concepção de mundo das classes e grupos subalternizados, partindo da sua realidade concreta, do senso comum e caminhando para a consciência filosófica, não apenas na escola, mas em todos os espaços de formação de cultura. Pois a escola, sob a lógica burguesa, em seu desenvolvimento e em consonância com o metabolismo de crise do capital, passa também por crises com a divisão do ensino em clássico e profissional que expressa a divisão classista do trabalho manual e intelectual e a formação unilateral. Desse modo que o autor sardo afirma que com a crise da escola,

A tendência é a de abolir qualquer tipo de escola ‘desinteressada’ (não imediatamente interessada) e ‘formativa’, ou de conservar apenas um seu reduzido exemplar, destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em preparar-se para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados.” (GRAMSCI, 2010, p.33)

Dessa forma que é necessário investir na formação de novos intelectuais orgânicos articulado com o fomento de uma nova práxis social, rompendo com as barreiras existentes entre a escola, o ensino escolar e a sociedade, a atuação social, desenvolvendo a visão unitária da relação trabalho-educação, para além da lógica classista, atuando dentro e fora da escola, promovendo círculos de cultura que estimulem o desenvolvimento individual e coletivo e uma concepção de mundo orgânica, embasados na disciplina do estudo e no rigor científico, que possibilite o desenvolvimento de uma visão e formação omnilateral, integral e integrada com o compromisso de transformação social ativo e operante e não apenas com conteúdos abstratos, descolados da realidade em que se vive. Por isso, que o marxista italiano reivindica o princípio educativo do trabalho, pois não há como modificar a estrutura sem tocar na superestrutura, ou seja, não há possibilidade de revolucionar o processo educativo e formativo em direção a uma formação omnilateral, sem compreender a relação indissolúvel entre trabalho, educação e formação humana na construção de uma nova forma de ser, uma

nova práxis. Nesse espectro que Gramsci propõe a Escola unitária¹⁹, no viés do princípio educativo para a formação humana e afirma que

O conceito e o fato do trabalho (da atividade teórico-prática) é o princípio educativo imanente à escola primária, já que a ordem social e estatal (direitos e deveres) é introduzida e identificada na ordem natural pelo trabalho. O conceito do equilíbrio entre ordem social e ordem natural com base no trabalho, na atividade teórico-prática do homem, cria os primeiros elementos de uma intuição do mundo liberta de toda magia ou bruxaria, e fornece o ponto de partida para o posterior desenvolvimento de uma concepção histórica, dialética, do mundo, para a compreensão do movimento e do devir, para a avaliação da soma de esforços e de sacrifícios que o presente custou ao passado e que o futuro custa ao presente, para a concepção da atualidade como síntese do passado, de todas as gerações passadas, que se projeta no futuro. (GRAMSCI, 2010, p. 43)

Desse modo que compreende a relação recíproca entre Estado e sociedade civil na conformação da hegemonia e o papel determinante do intelectual na função organizativa e conectiva da sociedade, na ocupação dos espaços nos organismos privados de hegemonia, bem como, da sociedade política, ou seja, na esfera administrativa e de domínio. Neste sentido, que urge, na ordem do dia, diante do desmantelamento da educação e da formação humana na lógica ultraliberal, o persistente investimento crítico, ativo e operativo na formação de novos intelectuais orgânicos articulados com as necessidades das classes e grupos subalternizados que possam não apenas criticar a lógica e diretrizes hodiernas, mas sobretudo, operar na construção de uma vontade coletiva nacional-popular de uma nova hegemonia.

CONCLUSÃO

Não é apenas no sucateamento do trabalho e destruição das políticas públicas que está ocorrendo o processo de (de)formação, mas também no nível da formação intelectual dessa nova geração da classe trabalhadora. Procuramos demonstrar como o capital está constantemente disputando a consciência social, negando à classe trabalhadora espaços de formação e reflexão e, em troca disso, estimulando uma ideia de empreendedor de si mesmo que deve arriscar tudo por uma vida melhor em uma lógica puramente individualista.

Se nada der certo, esses trabalhadores devem se adequar a esse novo tipo de exploração por meio de sentimentos de resiliência, compreensão e flexibilidade. O Novo

¹⁹ Para conhecer melhor a proposta da Escola Unitária de Gramsci, Ver Caderno 12 – Os intelectuais e a Organização da Cultura indicado nas referências deste trabalho.

Ensino Médio se torna, assim, necessário para formar sujeitos para suportar o aprofundamento da exploração de forma a garantir a conformação das classes subalternas a este tipo de conformismo. Além disso, a educação passa a ter outro contorno já que não é mais um meio para se garantir o emprego formal, mas apenas um instrumento de distinção para a sua empregabilidade. O capitalismo, cada vez mais imerso em crises profundas, se expressa com teor fascista, que ameaça a própria democracia burguesa. Nesse espectro, o ultraliberalismo nada mais é do que um totalitarismo revestido de democracia.

Dessa forma, é necessário combater o NEM, mas reconhecer que a contradição fundante acontece em outro âmbito. A luta pela revogação do novo Ensino Médio deve se encontrar articulada com outras formas de luta para a superação do capitalismo. Além disso, não devemos reproduzir ou aceitar esses ataques à educação com derrotismo, tendo em vista que nenhuma reforma ou mudança é em si determinante ao ponto de não colocar na realidade material novas contradições que devem ser problematizadas e discutidas pela classe trabalhadora. É de radical importância assumir as contradições postas pelo próprio capitalismo para dispor de formas para construir uma consciência coletiva que siga na contramão da hegemonia dominante, ou seja, na perspectiva revolucionária.

Para isso devemos ter como compromisso ético-político a formação de sujeitos críticos e práticos, que não apenas façam a leitura concreta das contradições do real, mas atuem de modo a transformar a sua própria realidade. É necessário construir, por meio da educação - mas não só - um horizonte de possibilidades para além da barbárie na qual vivemos hoje cotidianamente. É mais do que necessário rearticular a dimensão de classe, de reconhecimento dos estudantes como classe trabalhadora, explorada e espoliada da sua própria humanidade. Isso perpassa o desafio de colocar o comunismo como um futuro viável, uma possibilidade que deve ser materializada de forma coletiva e não apenas em nível individual. A reação ao avanço do capital na educação em seu grau mais violento é uma práxis transformadora indispensável para a superação da exploração humana.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. Balanço do Neoliberalismo. *In*: GENTILI, Pablo; SADER, Emir (org.). **Pós-Neoliberalismo: As políticas sociais e o Estado Democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. cap. 1, p. 09 - 23.
- ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs). **A cidadania negada: Políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 35-48.

COUTINHO, Carlos N. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FRIGOTTO, G. (Orgs). **A cidadania negada: Políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 35-38.

GRAMSCI, Antonio. Hegemonia, Guerra de movimento, Guerra de posição. In: COUTINHO, Carlos Nelson (org.). **O leitor de Gramsci**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. cap. 6, p. 290 - 300.

_____. **Cadernos do Cárcere. Vol. 2**. Os intelectuais; O princípio educativo; Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

INSTITUTO ALIANÇA (Brasil). Informações sobre o projeto: Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais. In: INSTITUTO ALIANÇA (Brasil). **Instituto Aliança**. [S. l.], 10 maio 2023. Disponível em: http://www.institutoalianca.org.br/projeto_ntpps.html. Acesso em: 20 abr. 2023.

LEHER, Rodrigo. **Um Novo Senhor da educação?** A política educacional do Banco Mundial para a periferia do capitalismo. Instituto de Estudos Sociais, 1999.

MARX, Karl. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. aum. São Paulo: Boitempo, 2008.

MIRANDA, João Elter Borges. **O ultraliberalismo enquanto categoria conceitual**. LavraPalavra, 2 dez. 2020. Disponível em:

<https://lavrpalavra.com/2020/12/02/o-ultraliberalismo-enquanto-categoria-conceitual/>.

Acesso em: 10 maio 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PARANÁ, Edemilson. O Estágio Atual do Capitalismo e sua Crise. In: TRIGUEIRO, Michelangelo G. S. **A legitimação no Estágio Atual do Capitalismo**. São Paulo: Contracorrente, 2022. cap. 5, p. 123 - 187.

RIBEIRO, Josenira; ROCHA, Fernanda; FREIRE, Newton. A Experiência da Iniciação Científica no Ensino Médio a Partir das Aulas do Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais - NTPPS. Florianópolis, 2019. Disponível em: sinteseeventos.com.br

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 1983.

SAVIANI, Dermeval. **História da ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SINGER, André. **Os Sentidos do Lulismo**: Reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILVA, M. R. DA; ABREU, C. B. DE M. **Reformas para quê?** As políticas educacionais nos anos de 1990, o “novo projeto de formação” e os resultados das avaliações nacionais. *Perspectiva*, v. 26, n. 2, p. 523–550, 2008.

SOUSA, Joeline Rodrigues de. **Gramsci: educação, escola e formação**: caminhos para a emancipação humana. Curitiba: Appris, 2014. 208 p.